

Quarenta e três anos depois do 25 de Abril de 74, em Santo António Inaugurado memorial à liberdade evocando a memória de João Arruda morto pela PIDE



Inauguração, pela Junta de Freguesia de Santo António, do memorial a João Guilherme Rego Arruda, um dos cinco portugueses abatidos no 25 de Abril de 1974

No âmbito das Comemorações do 25 de Abril de 1974, a Junta de Freguesia de Santo António inaugurou no Dia da Liberdade, às 15 horas, um memorial à Liberdade de Abril, da autoria de Álvaro Raposo de França, evocando a Memória e morte de João Guilherme Rego Arruda, um dos cinco portugueses abatidos pelos agentes da ex. PIDE naquele dia. A cerimónia àquele filho da terra contou com a presença de representantes de várias entidades regionais e locais, da Comissão Promotora da efeméride, da sua professora do primeiro ciclo e de sua irmã. Destacado pela sua tenacidade, persistência, valentia e capacidade de trabalho, João Arruda seria lembrado pelo envolvimento na massa popular que acompanhou as Forças Armadas, registado e immortalizado em filmagens junto ao Capitão Salgueiro Maia. Já homenageado verbalmente pelo Governo Regional e pela Câmara Municipal de Ponta Delgada, João Arruda fica agora associado e lembrado publicamente como uma das últimas vítimas do regime repressivo e ditatorial do Estado Novo. Apesar de tardia, esta homenagem resulta da tenacidade dos colegas de João Arruda, nomeadamente do já falecido professor Manuel Sá Couto e da consciencialização da comunidade estudantil na promoção de valores que demonstrem à Sociedade que a cidadania começa em todos nós, e não apenas nos organismos de poder central ou local.

Neste sentido, transcreve-se o discurso preparado pelo professor, e saudoso amigo Sá Couto, para os alunos do Colégio do Castanheiro no âmbito das mesmas comemorações, mas em 2011, a três anos do seu falecimento.

Sérgio Rezendes



Manuel Sá Couto

“[...] João Guilherme – O jovem que não viveu Abril”, por Manuel Sá Couto

“Passa este mês mais um aniversário do 25 de Abril. Já lá vão 37 anos e parece que a história teima em não querer ser conhecida. Se esta data é apenas histórica para os mais novos, e não só, para quem é de Abril tal não acontece. Os olhos brilham quando de Abril se fala e as emoções, vindo ao de cima, não param de sobrepor-se. Nunca é demais salientar, e fazer sobressair, o facto de a última vítima do regime de Salazar ter sido um micaelense: João Guilherme do Rego Arruda, natural da Freguesia de Santo António (Capelas). O dia 25 de Abril de 1974 foi, para muitos, dia de liberdade, de muita alegria e, acima de tudo, de muita esperança. João Guilherme Arruda, revolucionário ativo, não teve oportunidade de viver o sonho pelo qual lutou: foi a última vítima da repressão do Estado Novo. Com o processo de revolução em marcha, naquele dia, as universidades estavam fechadas, e a Faculdade de Letras de Lisboa, onde o João, de vinte anos, frequentava o segundo ano do curso de Filosofia, não foi exceção. Muitos dos alunos saíram, então, para os locais onde se desenrolavam os principais acontecimentos políticos. Como muitos, o João esteve na rendição do Quartel do Carmo, onde se encontrava o chefe do conselho, Marcelo Caetano. Ao ouvir-se que a PIDE havia disparado sobre as pessoas (cerca das 14.15h) correram, rua abaixo, para a frente do edifício da PIDE, de má memória, na Rua António Maria Cardoso. Pressionados pelos populares, que tentavam tomar o edifício, membros da PIDE/DGS

dispararam rajadas de metralhadora sobre a multidão que se encontrava na rua. Os tiros, vindos de uma janela do edifício, provocaram dezenas de feridos e cinco mortos, entre os quais, o João Guilherme. Sabemos, hoje, pela boca do Capitão-de-Abril, Vasco Lourenço, que os comandos da Amadora, chefiados por Jaime Neves, deveriam ter tomado a Sede da PIDE/DGS, mas não o fizeram por razões pouco abonatórias para Jaime Neves, que em abono da verdade nunca foi homem de Abril. O tiro que atingiu a cabeça do João não provocou a sua morte imediata: João Guilherme foi levado para o hospital, onde, mais tarde, viria a falecer. Sem filiação a nenhum dos partidos de esquerda da época, como o PCP ou o MRPP, João Guilherme participava nas ações de ambos, “desde que fosse para dar pancadaria no governo”, como gostava de dizer. A distribuição de cartazes e comunicados de propaganda política, ou a participação em greves e boicotes às aulas eram atividades frequentes na vida do João. Era um rapaz “muito revolucionário e inteligente”, sendo dos poucos que lia MaoTséTung. Não esqueço que foi o João que me ofereceu o livro “Portugal e o Futuro” do general António de Spínola, que acabou por ser o prenúncio de uma Revolução Anunciada. O João Guilherme nunca recebeu a homenagem a que tinha direito, nem a família a mais pequena recompensa, pese embora o facto de Mota Amaral ter mandado celebrar missas e visitado o cemitério durante alguns anos e Manuel Arruda, presidente da Câmara de Pon-

ta Delgada ter-lhe prestado homenagem com uma rotagem ao cemitério aquando das comemorações dos 25 anos do 25 de Abril. Presidência da República, Assembleias da República e Regional, Governos da República e Regional, para quando uma Homenagem a estes 5 mortos de Abril? Em 1980 foi descerada uma placa na frente do edifício da PIDE, retirada, por ser inadequada ao condomínio de luxo que hoje lá existe, mas que graças aos Cidadãos por Lisboa e a Helena Roseta, foi recolocada no sítio original, onde estão gravados os nomes dos 5 heróis de Abril que Abril não viram. Foi com espanto que ouvi o Presidente da Associação 25 de Abril dizer que pensava que só tinham existido 4 mortos. Para que os seus nomes não desapareçam, quando a memória de Abril nos faltar, aqui se registam os “Homens de Abril que não viveram Abril: António Lage, 32 anos de idade. Fernando Luís Barreiros dos Reis, de 24 anos de idade, natural de Lisboa. Francisco Carvalho Gesteiro, de 18 anos de idade, natural de Montalegre. João Guilherme Rego Arruda, de 20 anos de idade, natural dos Açores, estudante em Lisboa; José James Harteley Barnett, de 37 anos de idade, natural de Vendas Novas.

Manuel de Sá Couto”

Resta acrescentar que no ano em que Sá Couto faleceu, a placa voltou a desaparecer e a ser novamente reposta pela edilidade.

João Guilherme “será lembrado como um herói de Abril”

O Secretário dos Transportes e Obras Públicas afirmou terça-feira, 25 de Abril, que o açoriano João Guilherme Rego Arruda “foi e será sempre lembrado como um herói de Abril”.

Vítor Fraga, que falava em Santo António, na cerimónia de inauguração do ‘Monumento à Liberdade’, cuja peça principal é o busto de João Guilherme Rego Arruda, salientou que esta homenagem “lembra um açoriano que nos deve orgulhar a todos pelo seu envolvimento e pela sua coragem e dedicação na revolução de Abril”.

O governante, dirigindo-se à família do homenageado, frisou não ser fácil “imaginar a dor por ver partir tão cedo um jovem de 20 anos”, acrescentando que João Guilherme é “um exemplo de luta firme e tenaz pela implementação da Democracia no nosso país e a favor da liberdade de todos nós”.

Para Vítor Fraga, “se há significado que se possa retirar do facto de

estarmos hoje aqui, todos juntos, a celebrar Abril através desta homenagem, penso que é a ideia de que o 25 de Abril não é propriedade de nenhum partido político nem das opiniões de ninguém”. Nesse sentido, salientou que a revolução de 1974 trouxe aos portugueses “a possibilidade de decidir sobre o seu presente e o seu futuro” e, nos Açores, “por via da consagração da Autonomia, trouxe também a liberdade de todos poderem escolher livremente quem os governa, ou seja, os governos regionais”.

“Outra das grandes conquistas do 25 de Abril foi um poder local democrático”, frisou o Secretário Regional, lembrando as primeiras eleições autárquicas realizadas em 1976, através das quais “as autarquias e o poder local se constituíram como uma realidade inteiramente democrática, resultado do sufrágio direto e universal, recuperando a autonomia e conquistando simultaneamente novas atribuições e competências próprias”.

Na cerimónia, esteve também presente o Presidente da Câmara Mu-

nicipal de Ponta Delgada, José Manuel Bolieiro, que, na sua intervenção, felicitou e saudou a Junta de Freguesia de Santo António e à Prataforma Cívica de Santo António pela iniciativa de celebrar o 25 de Abril e a liberdade com uma homenagem ao João Guilhmer Rego Arruda, natural da localidade, e falecido no próprio dia da Revolução, sendo ele próprio “um amante da liberdade”.

José Manuel Bolieiro fez uma outra referência sobre a “importância da democracia, da liberdade e do respeito pela pluralidade de opinião”. Fez saber que a evocação e celebração do 25 de Abril em cada ano “não pode ser considerado apenas a evocação de um facto histórico de há 43 anos atrás, mas com eventos de sensibilidade cultural, para presente e futuro, da importância da democracia e da liberdade que é preciso sempre conquistar e consolidar em cada dia e também na Autonomia Política dos Açores”.